A Monsieur
Ferdinand Deniz
Par
l'Auteur

A LAGRIMA

DE

UM CAHETÉ.

A LAGRIMA

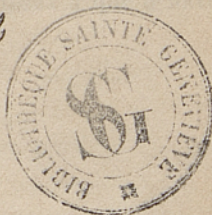
DE

UM CAHETÉ.

Por

TELLESILLA.

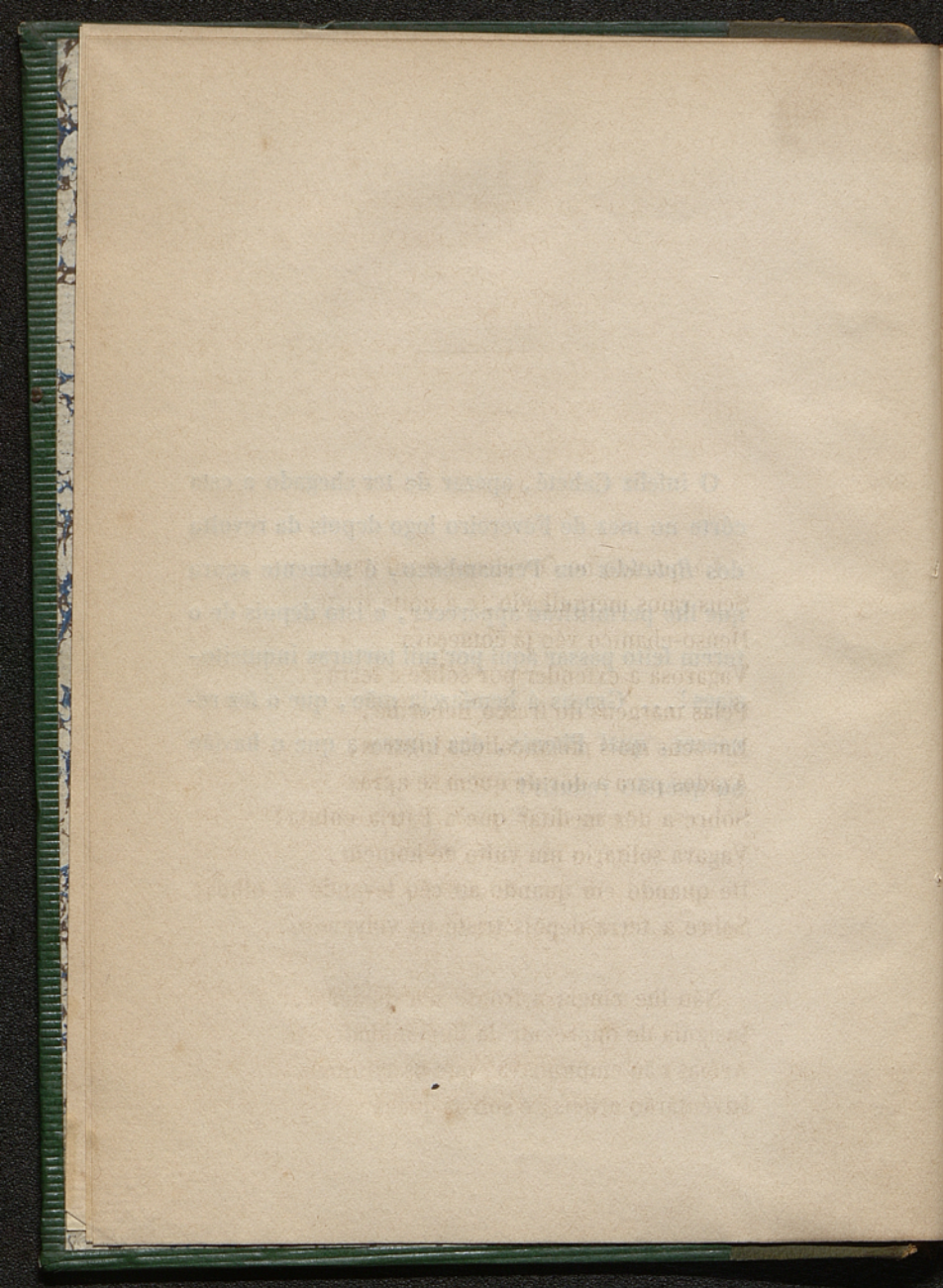
.... fille sainte de Dieu,
Liberté! pur flambeau de la gloire orageuse,
Non, je ne t'ai point dit adieu!

VICTOR HUGO.

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DE L. A. F. DE MENEZES,

RUA DE S. JOSÉ N. 45.

1849.

O infeliz Caheté, apezar de ter chegado a esta côrte no mez de Fevereiro logo depois da revolta dos *Rebeldes* em Pernambuco, é sómente agora que lhe permittirão apparecer, e isto depois de o terem feito passar aqui por mil torturas inquisitoriaes!... Graças á bemfazeja mão, que o fez renascer, qual Phenix, das cinzas a que o havião ou querião reduzir!

Lá quando no Occidente o sol havia
Seus raios mergulhado, e a noite triste
Denso-ebanico véo já começava
Vagarosa a extender por sobre a terra;
Pelas margens do fresco Beberibe,
Em seus mais melancolicos logares,
Azados para a dôr de quem se apraz
Sobre a dôr meditar que a Patria enluta!
Vagava solitario um vulto de homem,
De quando em quando ao céo levando os olhos,
Sobre a terra depois triste os volvendo. . .

Não lhe cingia a fronte um diadema,
Insignia de oppressor da humanidade. . .
Armas não empunhava, que os tyrannos
Inventárão cruéis, e sob as quaes

Succumbe o rijo peito, vence o inerte!
Mata do fraco a bala o corajoso,
Mas deste ao pulso forte aquelle foge...
Cahia-lhe dos hombros sombreados
Por negra espessa nuvem de cabellos,
Arco e cheio carcaz de simples flechas;
Adornavão-lhe o corpo lindas pennas
Pendentes da cintura, as pontas suas
Seus joelhos beijavão musculosos.

Em seu rosto expansivo não se vião
Os gestos, as momices, que contráe
A composta infiel physionomia
Desses seres do mundo social,
Que devorados uns de paixões feras,
No vicio mergulhados fallão outros
Altivos da virtude, que postergão,
De Deos os sãos preceitos quebrantando!
Orgulhosos depois... ostentar ousão
D'homem civilisado o nome, a honra!...

Não era um homem destes o que lá
Solitario vagava meditando,
Como aquelle, que busca uma lembrança,
Uma idéa chamar, que lhe recorde
Um facto anterior da vida sua,

Vivamente um logar, que já foi seu.
Do qual o Despotismo o despojára...

Era um homem sem mascara, enriquecido
Não do ouro roubado aos eguaes seus,
Nem de miseros africanos d'alem mar,
As plagas Brasileiras arrastados
Por sedenta ambição, por crime atroz!
Nem d'empregos qu'impudentes vendem,
A honra traficando! o mesmo amor!!
Mas uma alma, de vicios não manchada,
Enriquecida tinha das virtudes
Que valem muito mais qu'esses thesouros.

Era da natureza o filho altivo,
Tão simples como ella, nella achando
Toda a sua riqueza, o seu bem todo...
O bravo, o destemido, o grão selvagem,
O Brasileiro era... —era um Caheté! —

Era um Caheté, que vagava
Na terra, que Deos lhe dêo,
Onde Patria, esposa e filhos
Elle em balde defendêo!...

E' este... pensava elle,
O meu rio mais querido;

Aqui tenho ás margens suas
Doces prazeres fruido. . .

Aqui, mais tarde trazendo
N'alma triste, acerba dôr,
Vim chorar as praias minhas
Na posse de usurpador!

Que d'invadil-as
Não satisfeito,
Vinha nas matas
Ferir-me o peito!

Ferros nos trouxe,
Fogo, trovões,
E de christãos
Os corações...
E sobre nós
Tudo lançou!
De nossa terra
Nos despojou!

Tudo roubou-nos,
Esse tyranno,
Que povo diz-se
Livre e humano!

Filho se diz
De Deos Potente,
De quem profana
A obra ingente !

O' terra de meus pais, ó Patria minha !
Que seus restos guardando, viste d'outros
Longo tempo a bravura disputar
Ao feroz estrangeiro a Patria nossa,
A nossa Liberdade, os fructos seus !....
Recolhe o pranto meu, quando dispersos
Pelas vastas florestas tristes vagão
Os poucos filhos teus á morte escapos,
Ao jugo de tyrannos oppressores,
Qu' em nome do piedoso céo viérão
Tirar-nos estes bens qu' o céo nos dera !
As esposas, a filha, a paz roubar-nos !...
Trasendo d'alem mar as leis, os vicios,
Nossas leis e costumes postergárão !

Por nossos costumes singelos e simples
Em troco nos derão a fraude, a mentira,
De barb'ros nos dando o nome, que delles
Na antiga e moderna Historia se tira.

Maldito, ó maldito sejas
Renegado Tapeirá !...

Teu nome em nossas florestas
Em horror sempre será !

Tabayares miserandos ! raça escrava !
Que a voz incautos desse chefe ouviste
Mandando exterminar os irmãos teus,
Para um povo estrangeiro auxiliar !
O anathema do céo ferio-te, ó misera !

Para elle um paiz tu conquistaste :
Em paga te deu elle a ignominia ! !

Em eterno despreso eis-te esquecido,
Como estão tantos outros teus eguaes !
Que perdendo na Patria os seus costumes,
As vantagens não gosão desses homens,
A quem sacrificárão Patria, honra !...

Indigenas do Brasil, o que sois vós ?
Selvagens ? os seus bens já não gosaes...
Civilisados ? não... vossos tyrannos
Cuidosos vos conservão bem distantes
Dessas armas com que ferido tem-vos
De sua illustração, pobres Caboclos !
Nenhum gráo possuis !... Perdestes tudo,
Excepto de covarde o nome infame...

Dos Cahetés os manes vingados estão !
Desse Camarão, tambem renegado,
Que bravo guerreiro a Fama apregoa,
O titulo de nobre lá jaz despresado !

Nobreza, que o crime
Audaz transmittio
A'quelle, que aos seus
Cruel perseguio ;
Somente sorriso
De mofa devia,
Excitar depois
Que já não vivia ;

E que de seu braço
Cruel parricida
Mais não precisava
Um Liberticida :
Um vil estrangeiro
Com quem se alliou,
E de seus irmãos
O bem lhe outorgou !

Dos Cahetés os manes vingados estão !
Em triste abandono, sem Patria, sem bens,
A's cegas seguindo a voz de um senhor
Pureza e costumes perdido tu tens !...

Dos Cahetés os manes vingados estão !
Aqui neste solo a nós arrancado,
Tem vindo outros povos tambem d'alem mar
Aos nossos tyrannos o tem usurpado !

Dos Cahetés os manes vingados estão !
Como nosso sangue, seu sangue correo !
Nas mãos do Batávo seu poder cahio !
Como nós o delle seu jugo soffrêo...

Dos Cahetés os manes vingados estão !
Curvárão-se os Lusos da Hiberia ao poder !
Gemerão, chorárão, por annos sessenta !
Quiz Deos ao opprobrio fazel-os descer...

Mais tarde se vio
Os seus descendentes
Contr'elles se armarem ;
Pôl-os em correntes !
Alguns filhos seus
Que crime ! que horror !
Crueis lhes mandárão
A morte, o terror !...

Assim pune Deos um crime com outro
Quem fere, quem mata, ferida ou a morte

Recebe de mão feroz como a sua...
E' esta dos homens, das nações a sorte.

Com nosco cruel
Foi uma nação,
Lançou-lhe o Eterno
Sua maldição. . .

Depois, de seus filhos
O braço se armou,
Em seu proprio sangue
O crime lavou!
Injustos! ingratos!
Vai ella bradando;
A seus descendentes
Seu mal exprobrando.

Não vês, ó Luso povo, em teu soffrer
Do Omnipotente o dedo, que te aponta
O mal, que sobre nós lançado tens,
Ha mais de seculos tres? oh, dôr pungente!
Oh! lembrança fatal de males tantos!

....

Onde as choças estão, simples asilo,
Sanctuario feliz de nosso amor?

Onde as frondosas arvores, cujos ramos
Fagueiros balouçavão-se inclinados
Sobre as aguas dos nossos predilectos
Melancolico-amoroso Beberibe,
Capibaribe undoso, que abraçando
Se vão em sua foz, ja não sorrindo,
Como outr'ora fasião, mas do pranto
Engrossado dos filhos seus extinctos,
Gemendo confundir-se nos bramidos
Do terrivel-magestoso Atlantico?!...

Quanta vez, oh, lembrança doce-amarga!
Depois de longa pesca fatigado,
Ou voltando das selvas, onde eu ia
As feras perseguir, alegres vinhão
A meu encontro aqui, a esposa, os filhos
Offerecer-me felises seus cuidados!...
Venturoso em triunfo me levavão
Ao tosco asilo nosso, onde maior
Que um Pagé me julgava, onde Tupan
Nosso puro prazer abençoava,
Nosso amor de selvagem tão ditoso!

Amor de selvagem,
Amor venturoso,
Teu riso amoroso

E' d'alma expressão.
Mentir tu não sabes,
Não sabes fingir,
Só sabes fruir
Seus doces prazeres.

Se Anhanga contra nós mandava o mal,
Para longe a cabana transferiamos;
Nossas erão as matas, suas fructas,
Seus regatos, seus rios, tudo era
Propriedade nossa... A Natureza
Por toda a parte bella nos sorria,
Sorria-nos amor, o céo sorria-nos...

Onde estão, fero Luso ambicioso,
Estes bens, qu'erão nossos?
Porangaba perdi, perdi os filhos;
Ai de mim! inda vivo!!
Com a Patria lá forão esses thesouros!
O pranto só me resta!...

Só me resta um sentir, um só desejo,
Desejo da vingança!
Vingança de selvagem tão tremenda,
Tão nobre como elle!

Não vingança de balas despedidas
Pela mão d'assassino
Miseravel covarde, que não ousa
De frente accommetter!
Nem de ferro á traição, qu'ao bravo priva
De uma vida de gloria!!

Mais nobre, que o selvagem das cidades,
As armas occultando,
O selvagem dos bosques se apresenta
A peito descoberto...

Vingança contra os tyrannos
Que a nossa terra tomarão!
Que com perfidia e astucias
Alguns dos nossos armárão!
Com elles pereça a gloria
Nos annaes de sua historia!

Sobre os nossos oppressores
Mande o céo seu raio ardente!
E na Patria dos Cahetés
Soffrão elles dôr pungente!
Mas dôr tão grande, que possa
Fasel-os lembrar da nossa!..

Então talvez um remorso
Lhes entre no coração,
Pelos males, que trouxerão
A' nossa feliz nação !
E de seu peito um gemido
Cruel se escape dorido !

Sentirá talvez ainda
Tardio arrependimento !
Correrá á igreja sua
A minorar-lhe o tormento :
E nella crê elle achar
O céo que buscou calmar !...

Mas o céo não deu ao homem
De perdoar o poder,
Quando o homem á humanidade
Barb'ramente fez soffrer !
Se assim não pensa o christão,
Não tem elle um coração !

Mas hypocrita, fanatico
E' esse povo somente,
Quando diz, qu' o céo clemente
Ao homem deu tal poder !...
Iria o mau commetter

Terrivel crime nefando
A salvação esperando
Da mão do homem da terra,
Que a sancta vontade encerra
Em seu mundo miserando !...

Lamenta, povo infeliz,
Em tua hora final
A tantas nações estranhas
Teres feito tanto mal !

E lá da borda do tumulo
A nação tua deplora,
Que em decadencia jasendo
Se debate, geme e chora !...

Se ambiciosa não fôras
Terras d'Africa conquistar,
Teu joven rei não verias
Sem dynastia acabar !

Do Fanatismo os teus filhos
Triste presa não serião,
Nem no teu solo os seus padres
A fogueira acenderião.

Mas buscando estranhas terras
Tu crias correr á gloria,
Tão falsa como te achas
Pequena hoje na historia

Outras nações guerreando
T'esqueceste de illustrar
A tua, que lá jaz pobre,
Nas trevas proxim' a espirar.

O' genio do Brasil, ás plagas tuas
Volta... oh ! volta a vingar os filhos teus !

....

E dá que de volcão medonha horrivel
A cratéra s'expanda abrasadora
Para o povo engulir, que a nós de povo
O nome até roubou-nos... extinguiu !

Estas vozes soltando angustiado
Emmudece o Caheté... quedo ficou,
Com os olhos no céo, delle esperando
A tardia, porém certa justiça !

....

De repente troar ao longe ouvio-se
Da artilharia o fogo... e de milhares

De peitos Brasileiros sahe o brado,
Simulando o trovão, que o raio manda:
—Eia ! ávante ! guerreiros libertemos
A terra dos Cahetés, a terra nossa ! —

E qual tempestade por Deos fulminada
Sobre um povo ingrato, qu' Elle amaldiçoa
Varão denodado ás fileiras vôa
Dos filhos qu' a Patria querem libertada !

Dos bravos Cahetés se diz descendente,
Sua triste raça jurou de vingar...
Desde lá do berço aprendeo a amar
O triste opprimido ; d'ell' é defendente.

Apostolo é daquelles, que vem debellar
Os vis sceleratos, que á forca, ao desterro
Seus filhos mandárão ! D'alguns no enterro
De sangue a bandeira se vio tremular !

Virão-se as cabeças e de outros as mãos
No alto de postes ao povo off'recendo
Exemplo feroz, espectaculo horrendo,
Que de dôr enluta os peitos christãos !

Oh ! crime execravel d'um povo civil !...
Crime sem egual, que nos corações
Sensiveis calando vai ás gerações
Futuras vingança pedindo, bradando...

Eil-os que avanção n'essa mesma praça
Aonde os Martins, Theotonio, Miguel,
Caneca, Agostinho tragarão o fel
Do barb'ro estrangeiro, feroz despotismo !

O Anjo da Victoria ia coroal-os;
Libertar ia emfim as plagas suas:
....
Quando oh! sorte adversa! oh! máo destino!
Do malfadado heroico Pernambuco!
....
O primeiro cahio dos filhos seus,
Que nesta nobre luta s'empenhára!...
Qual athleta romano denodado
Da Patria só curando, o seu triunfo
Querendo aos seus primeiro annunciar;
A' frente se arremeça da batalha,
Impavido ao inimigo o peito mostra,
Esquecendo, ai da Patria! qu'era homem,
Livre Pernambucano, a quem as balas
De perfidos inimigos mais buscavão!

Cahio o Chefe immortal
Dos bravos Pernambucanos!
Debandados estes forão;
Sorrirão-se os seus tyrannos!

Mas seu riso é convulsivo,
Annuncia horrivel cizo!...

Eis vôa das margens tristes
Do Beberibe a Saudade,
Acompanhando o Cahetè
Ao bairro da Soledade...
Ali vê no chão prostrado
O Heróe NUNES MACHADO!!

Transido de dôr o triste Cahetè
Suspira, lamenta, chora, s'exaspera...
Os joelhos dobra! Do céo inda espera
Prodigio estupendo! que pôz Las'ro em pé!

Mas ah! da Eternidade a horribil porta
O Goianense Heróe transposto havia!
E quando os umbraes seus (lei insondavel!)
Uma vez se transpõe, não mais se volve
Dos vivos á morada, ao seu exilio!
A quem da triste campa a dôr somente,
O desespero fica da saudade
Por aquelles, que alem della passárão!

Da natureza humana lei tremenda!
Infallivel tributo á morte paga!

Decreto de um Deos Pio! oh! quem pudera
Resignado a ti feliz curvar-se!

. . . .

Do Caheté em balde o pranto correo;
Seus tristes lamentos, sua intensa dôr,
Da sorte implacavel o cruel rigôr
Poder não tiverão de um pouco ameigar!

Do Heróe os restos insultados vão,
Por miseros covardes, condiscipulos seus,
A quem os seus brios jamais dera Deos,
Nem nome tão grande na Historia terão!

O odio, a intriga, a calumnia, a inveja
Do profundo Averno Satanaz desprende
Contra os que sem armas um despota prende
Que a lei proclamando a fere, pragueja...

Se diz Brasileiro, mas deste não tem
Humano sentir, que da Divindade
Nos vem com o fogo de mór liberdade,
Que os homens eleva, distingue as nações.

Aquece-lhe o peito centelha infernal
Do negro, execravel, atroz despotismo,
Que tostar protesta, quem ao servilismo
Curvar-se não sabe, não pode, não quer.

Do Heróe vil zoilo já elle tostava
De seu nome a gloria, como vai tostando
Mesm'agora a Fama sempre o decantando,
Apesar dos ferros, masmorras, torturas!

O povo Pernambucano
Tosta, discipulo de Nero!
Novo espectaculo esta Roma
Te pode offerecer mais fero.

Tudo podes tu fazer,
Menos descer
Ás trevas do esquecimento
Os martyres da Liberdade.
A Divindade
Lhes tem marcado o momento.

Da dicisiva victoria,
Que a gloria
Neste solo firmar deve:
Aqui onde o bem fruir
De um porvir
Venturoso iremos breve.

Sangrão nobres corações
Nas prisões!

O despotismo cruento
Tudo tem aqui tostado!
NUNES MACHADO
Não morreo no pensamento!...

A causa, que defendia,
Por quem ardia,
Era causa da nação!...
Mais tarde o Brasil dará,
Affirmará,
A prova desta asserção.

———

— « Não chores, ó Cahetê, o amigo teu :—
Do Brasil consternado o Genio exclama ;
« Foi minha inspiração, meu foi o brado,
« Que fiel seguio Elle.

« Não chores, ó Cahetê, o Amigo teu :
« Sua sorte, o mal seu, não mais lamentes !
« Pela Patria viveu, dêo tudo á Patria,
« A Patria o cantará.

« Não chores, ó Cahetê, o Amigo teu :
« Que cahio, não morreo... porque o bravo
« Constante defensor da Patria sua
« Para a Patria não morre.

« Não chores, ó Cahetê, o Amigo teu :
« Nas phalanges de livres Brasileiros
« Combatendo mostrou á Patria, ao mundo
« Qu' as honras desprezava.

« As honras, qu' a vil preço vão comprando
« Os anti-Brasileiros... Patricidas !...
« Do infame interesse vis idolatras,
« O que forão esquecem !

« Na Patria tudo foi, fez elle tudo
« Para o destino seu triste mudar...

« De sua voz energica em prol da Patria
« Inda sôa a Tribuna.

« Como o do Equador Republicano
« Covarde não fugio, abandonando
« Na luta os irmãos seus, para da Patria
« Longe um riso soltar !

« Soltar de amor doces ais,
« Os praseres seus fruindo,
« Em quanto da Patria os filhos
« Mais nobres ião cahindo !...

« E depois voltando á Patria
« Nella o, que foi, esqueceo !
« Em sua alma a Liberdade
« Pouco a pouco feneceo !...

« E renegado curvou-se
« A' côrte, que perseguio
« No tremendo vinte e quaatro,
« Quando a republica seguio !

« De quarenta e nove o Heróe preclaro,
« Que jamais com outro s' ha de confundir,
« A morte a opprobrio soube preferir ;
« Seus bravos irmãos deixar jamais quiz.

« Não ; que vale antes morrer,
« Seus principios defendendo,
« Que d'um polo a outro polo
« Politico ir percorrendo.

Esta voz attento
Escuta o Caheté...
Já seu triste pranto
Amargo não é ;
Não é sua dôr
Já sem esperança :
Um feliz porvir
Sua idéa alcança...
Já crê d'outros bravos
Ouvir o chamado :
—A's armas ! ás armas !
O povo é vingado...
Do Una ao P'rahiba,
Do mar aos sertões,
A vingança abala
Todos os corações...
Em quanto ali morrem,
Combatem guerreiros,
Aquem, alem gemem
Os bons Brasileiros !
Os mãos riem, folgão

Ao som dos gemidos,
Que da Patria soltão
Os filhos queridos!

Mas lá inda está!...
Respira o tyranno,
Que o povo extermina
Bom Pernambucano!

Do Catucá as matas eis que demanda
O infeliz Caheté, buscando um povo
Que julga o céo armar para vingal-o,
Vingando a Patria sua!...

« Dos Cahetés descendente, ó povo, disse,
« Que hoje Pernambucano te appellidas,
« Onde está o valor, que ao Brasil todo
« Testemunhado tens? !

« Tres vezes tem o sol apparecido,
« E no mar mergulhado os raios seus,
« E teu Chefe immortal, que lá cahio,
« Vingado inda não tens!!

« Aquelles, que perdido o Chefe seu
« A Patria, a Liberdade, tudo tem,
» Deixar podem na vida o, que da vida
« Estes bens lhe tirou?!...

« A cadeia de males que ha tanto
« Arrocha os pulsos teus; ah! bem o vejo,
« Degenerado tem-te, illustre povo!
« Assaz soffrido tens!

« Mas s'um peito Caheté, como o meu nobre
« Lá exsangue cahio... eis o meu braço!
« P'ra vingal-o é bastante. Eia! indicai-me
« Do palacio o caminho!...

« Manejar eu não sei de fogo as armas
« Para o feroz tostar, que vil insulta
« Um cadaver maior que a vida sua,
« Mais que ella venerando!...

« Tenho flechas, e um braço de Caheté!
« Da dôr o coração compenetrado
« De uma inteira, infeliz, extincta raça...
« Vingando-te, eu a vingo. »

E prompto o Caheté o arco brandio...
E como inspirado as matas deixando,
Já de seus rodeios lá elle sahio...
Eil-o a capital feroz demandando.

Metade do espaço transposto já tinha,
Quando de mulher vulto descarnado
De longe avistou... para elle vinha:
De triste côr era seu rosto afeiado.

— « Pára, miserando, disse ella ao Caheté,
« Os restos depõe de tanta bravura :
« Encara-me attento. . . perderás a fé
« Com que praticar vás uma loucura !

O bravo selvagem attonito ficou. . .
— Quem és, lhe pergunta, infernal deidade ?
— « Uma tal visão d'inferno não sou :
« Sou cá deste mundo a Realidade.

« Volta ás selvas tuas, vai lá procurar
« Alguns desses bens, qu' aqui te hão tirado :
« Não creias, ó misero jamais encontrar
« A paz, a ventura que aqui tens gosado.

« Este grande povo, que o nome tomou
« De um pau simulando das brasas a côr,
« Nascido na terra, que Deos te outorgou,
« De seu bem só cura, não de tua dôr.

« Em campo eil-o agora co'as armas na mão !
« Mas seja um partido, ou outro que vença
« A tua ventura não creias farão !
« São outros seus planos, outra a sua crença. . .

Nos ares ouvio-se lá nesse momento
Celestes accordes, vozes sonorosas :
Em nuvens douradas vem do firmamento
A mais bella virgem n'um throno de rosas !

Feições tem risonhas, olhar cintillante,
Um ar varonil, porte magestoso ;
Lê-se em sua fronte o fogo vibrante,
Que o peito lhe abrasa, forte, grandioso !...

Nos ares pairando olhou a cidade ;
Seu rosto divino contráe-se de dôr
Apenas em luto vio a Soledade !
Foi lá, que cahio seu grande Amador !...

Absorto o Caheté via admirado
Aquelle prodigio, quando de repente
Sáe da capital um monstro enroscado,
Feroz simulando enorme serpente !

Apoz elle vinhão as furias cantando,
Em funereo côro a morte, as torturas
Com que a virtude, suas creaturas
No mundo vão ellas cruéis flagellando !

Do lado da Virgem toma direcção
Aquelle cortejo horrendo, infernal...
Do bravo Caheté treme o coração
Prevendo a desgraça d'um encontro tal.

Da terra não póde aos ares subir
Para ao lado por-se da Virgem formosa,
Por quem a sua alma começa a sentir
Vehemente amor, paixão primorosa.

Um movimento fez de impaciencia
Da natureza o filho,
Seus braços estendendo á bella Virgem,
Quiz ir a seu soccorro...
Mas os olhos volvendo á terra vê
Realidade horrivel !

— « Dissipa as illusões, filho dos bosques
« A meu rosto te affaze ;
« E verás, que tão feia eu não serei,
« Como agora pareço,

« Se de illusões a misera humanidade
« Não amasse nutrir-se,
« Horrenda a face minha não seria
« A seus olhos depois...

— Cruel ! em desespero o Cahetê brada ;
Que fallas fria assim a um malfadado ,
Pois qu'és a inexoravel Realidade,
Que os passos meus retendo, me vás n'alma
Do desengano o gelo derramando ;
Aclara a mente minha... illusão é
O que ali veem meus olhos ? dise; oh ! dise :
Ou tira-me esta vida, que s'escoa
Na dôr, qu'a vista tua mais acerba.

— « Não é illusão, não, o que lá vês,
Pausadamente diz a, que tão dura
O infeliz Caheté desabusára ;
« Mas não temas, que seja a tua bella
« Do monstro que a persegue triste victima...
« Contempla-a bem agora ; ella sorri-te
« Como a um de seus filhos mais dilectos
« Que nella vira sempre o seu bem todo.

« Tu dobras o joelho !... oh ! sim adora;
« Adora o, que na vida mais tu prezas ;
« A Liberdade adora e nella Deos.

« Linda e pura se vai ella
« Da capital separando ;
« Nas fileiras de seus filhos
« Seus defensores buscando.

« Esse monstro qu'ali vês
« Das furias todas cercado,
« E' o feroz Despotismo
« Inimigo seu votado.

« Em balde procura elle
« O throno seu derribar ;
« Nas plagas Pernambucanas
« Um abysmo lhe cávar !

« Da Liberdade um sorriso
« De despreso esmagador
« Responde só aos uivos
« Do Despotismo eversor...

« Elle, que cruel se apraz
« Perseguir os filhos seus,
« Mil supplicios inventando
« Sem lembrar-se qu' ha um Deos...

« Deos, que uma raça não fez
« Para sobre as outras ter
« Revoltante primasia,
« Illimitado poder!

« Deixa pois o Despotismo
« Contra ella em vão lutar,
« Como do céo os máos anjos
« Daqui Deos o vai lançar.

« Do Amazonas ao Prata
« O povo lhe está bradando:
« — Sacia-te monstro atroz,
« Teu imperio está finando!

« Mas tu, meu pobre Caheté,
« Escuta a Realidade;

« Busca as matas, lá somente
« Gosarás da Liberdade,

« Que aqui terias
« Talvez gosado,
« Se todos fossem
« NUNES MACHADO!
« Dos pobres Indios,
« Que tanto amava,
« Mudar a sorte
« Tambem pensava!...
« Mas ah! mui cedo
« Se foi da terra!!
« Teu pranto agora
« No peito encerra.

....

....

E subito o Cahetê foi-se saudoso!

....

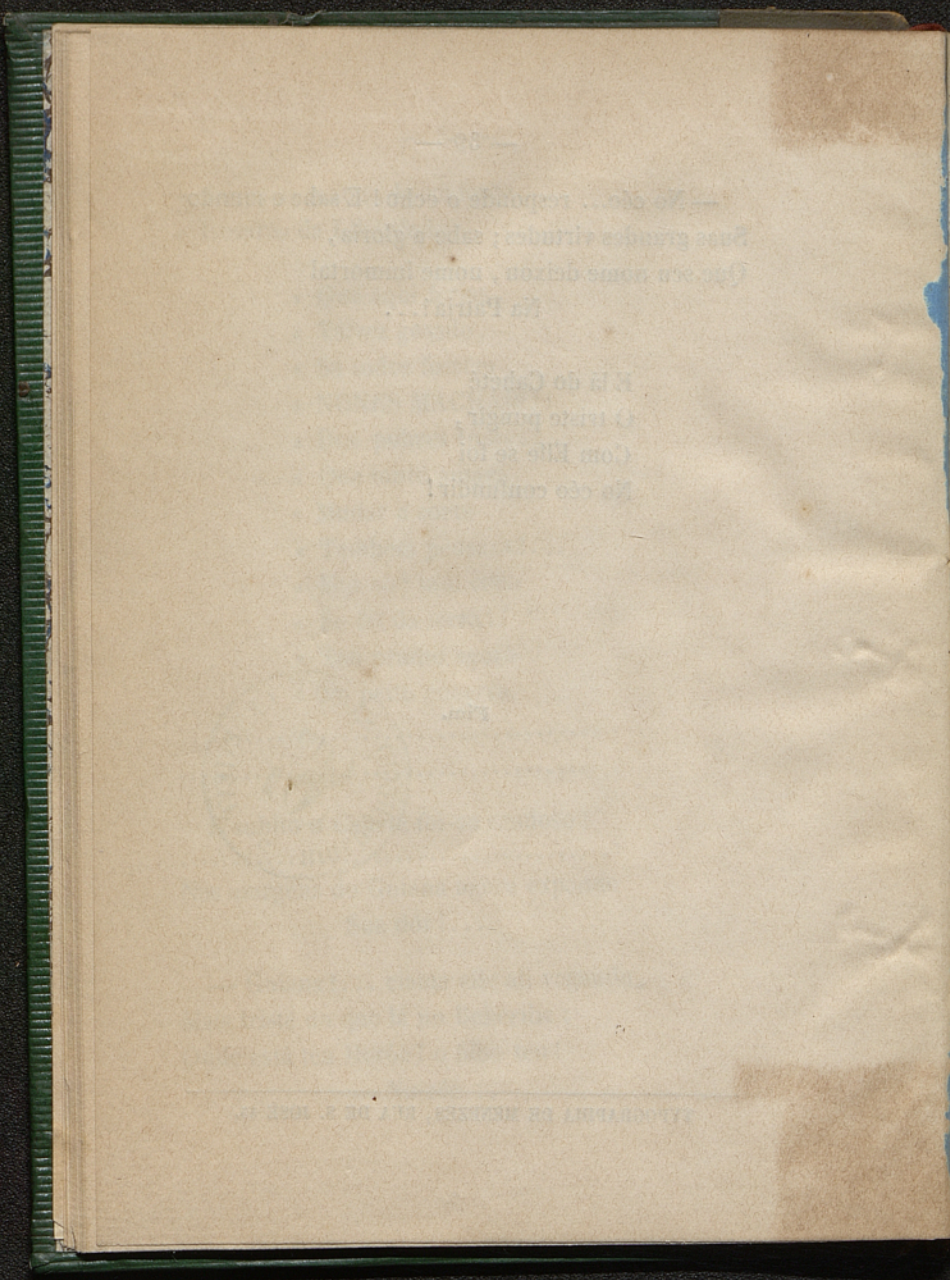
Nas margens do Goiana agora expande
Sua dôr!...

— Goiana!... clama elle ali vagando,
Mais triste do que lá no Beberibe:
Onde está teu Heróe? o filho teu!
— No céo...

— No céo... responde o echo ! E sabe o mundo
Suas grandes virtudes ; sabe a gloria ,
Que seu nome deixou , nome immortal
Na Patria !...

E lá do Caheté
O triste pungir ,
Com Elle se foi
No céo confundir !

Fim.

TYPOGRAPHIA DE MENEZES , RUA DE S. JOSÉ 45.

Cet opuscule est l'oeuvre d'une Dame Brésilienne qui a longtemps séjourné à Paris et qui a donné une suite à ses Lagrimas.